

► Adriana Falcão

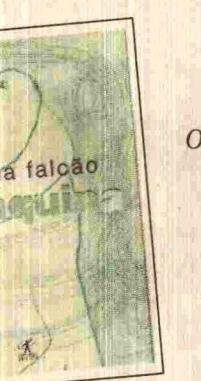
Adriana Falcão formou-se em arquitetura, mas trocou a prancheta pelas letras. Nem chegou a se debruçar sobre projetos e logo transformava idéias em palavras escritas. Primeiro atuou na publicidade, depois passou a escrever para programas de televisão – entre eles o extinto *Comédia da Vida Privada* e a versão atual de *A Grande Família*, exibidos pela Rede Globo.

Estreou na literatura há três anos com o romance *A Máquina*, que vendeu até agora 9,7 mil exemplares. A obra foi adaptada para teatro pelo marido João Falcão, com quem trabalhou no roteiro para cinema e teve a peça *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. O casal também escreveu a quatro mãos o texto do musical *Cambalo* (2001), parceria dos compositores Chico Buarque e Edu Lobo. O segundo livro, infantil, é *Maria de Explicação*, ideia tirada de uma das crônicas que escreve com regularidade para a *Véja Rio*. E tem um terceiro a caminho. Trata-se de história infanto-juvenil de encontros e desencontros, inserida no gênero realismo mágico. Outro projeto que se dedica, no momento, é o roteiro de documentário sobre o poeta Vinícius de Moraes. Nos trabalhos de ficção, há três

vertentes: o romântico, a forma e o final feliz. Ela botou na cabeça que tem a missão de tornar menos dura a vida de seus leitores.

Nascida no Rio de Janeiro, em 1960 ("ano de Brasília", diz), mudou-se para Recife com a família aos 11 anos e por lá viveu até sete anos atrás. As referências ao Nordeste aparecem em seus textos, especialmente em *A Máquina*.

Hoje, vive no Leblon, zona sul do Rio, com as filhas Tatiana, Clarice e Isabel, as duas últimas do casamento de 14 anos com João.



SERVIÇO
A Máquina
Editora Objetiva, 1999,
R\$ 17,60.
Maria de Explicação
Editora Salamandra,
2001,
R\$ 19,00.

► Ana Miranda

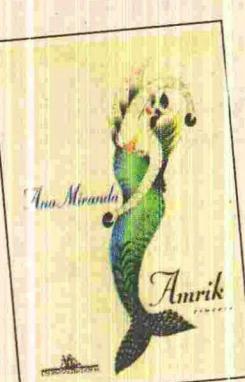
Acearense Ana Miranda (1951) vive em Brasília de 1959 a 1969. O pai, engenheiro, trabalhou na construção da nova capital. Aqui, a jovem estudante testemunhou o nascimento da cultura da cidade e fez amigos de vida inteira. Conheceu Ney Matogrosso, Athos Bulcão, Nicolas Behr, Luis Humberto. Viu o arquiteto Luiz Marçal compor e cantar, entre outras, "O meu amor chorou! Não sei por que razão", hino da época. Foi estudar artes plásticas no Rio, mas retornou sempre que pôde. O amor pela capital continua presente.

A escritora Ana Miranda surgiu em 1989 com o sucesso de *Boca do Inferno*. O romance percorreu caminhos invejáveis: lista de mais vendidos durante um ano, prêmio Jabuti de revelação, publicação em diversos países (França, Estados Unidos, Argentina e Suécia, por exemplo). Vende hoje, e em média, 500 exemplares por mês.

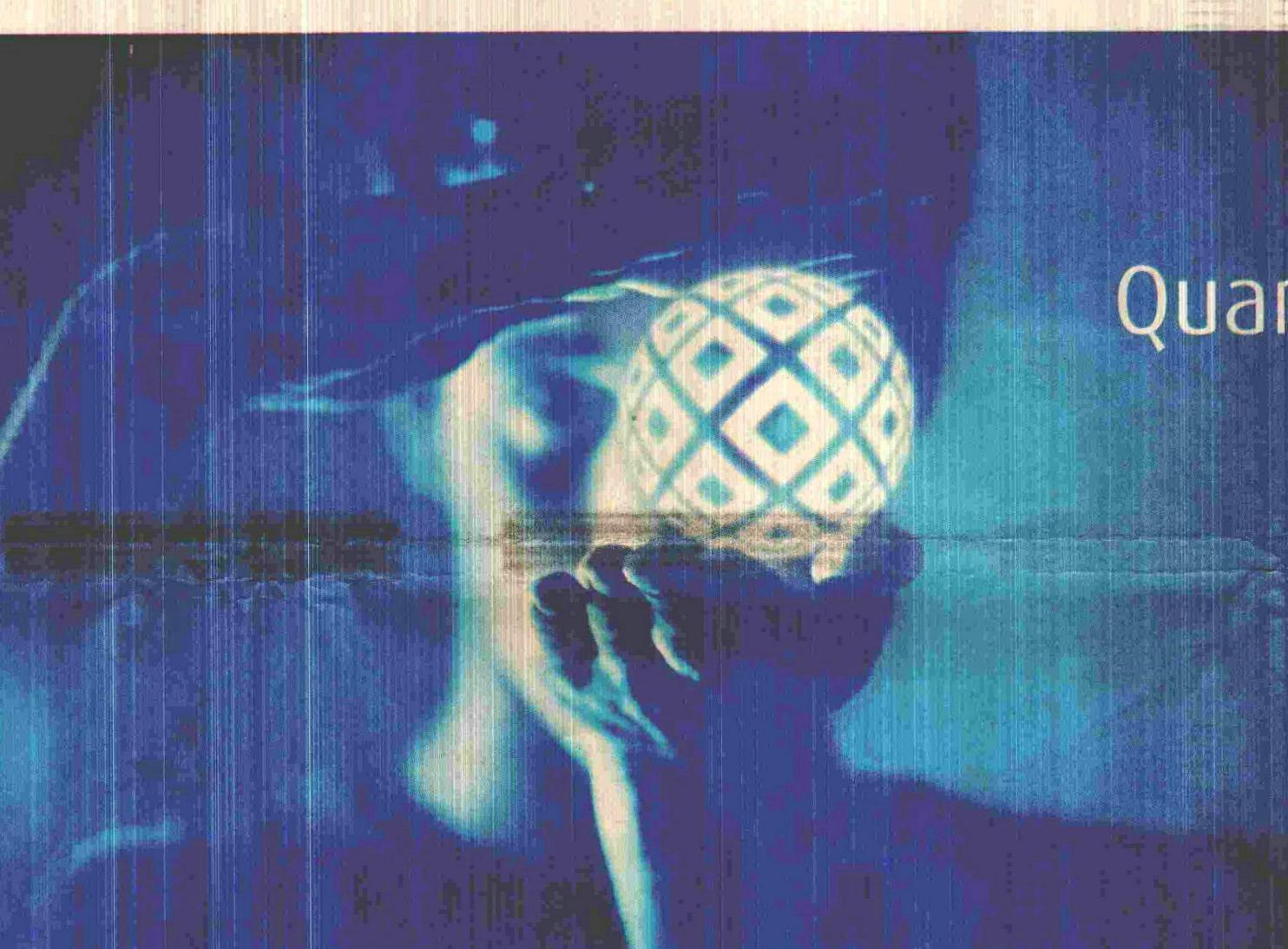
vieram mais cinco romances (*O Retrato do Rei, Sem Pecado, A Última Quimera, Desmundo e Amrik*). Que *Seja em Segredo* leva a marca da atenta (e rigorosa) pesquisadora: uma antologia de poemas eróticos dos séculos 17 e 18 escritos por freiras e para freiras. Publicou ainda uma novela tendo Clarice Lispector como personagem (*Clarice*), um primeiro livro de contos (*Noturnos*) e um diário escrito aos 20 e poucos anos (*Caderno de Sonhos*), recuperado por sua mãe.

No último domingo, a escritora entregou à editora Companhia das Letras os originais de novo romance, que deverá ser lançado em dois meses. Depois de Gregório de Matos (*Boca do Inferno*) e Augusto dos Anjos (*A Última Quimera*), Ana Miranda empresta a elegância de seus textos ao poeta Gonçalves Dias. *Dias & Dias* é narrado por Feliciano, que aguarda no porto a chegada do navio Ville de Boulogne. O ano: 1864. À bordo, o amor eterno. "Comecei a fazer o livro nos anos 80", lembrava. A fala é pausada e plena de mansidão, assim como os gestos se estendem e o olhar poético se lança sobre todas as coisas.

(Sérgio de Sá)



SERVIÇO
Boca do Inferno
Companhia das Letras,
1989, R\$ 28,50
A Última Quimera
Companhia das Letras, 1995, R\$ 30,00
Desmundo
Companhia das Letras, 1996, R\$ 26,50
Amrik
Companhia das Letras, 1997, R\$ 26,50
Que Seja em Segredo
Dantes Editora, 1998, R\$ 22,00
Noturnos
Companhia das Letras, 1999, R\$ 25,50
Caderno de Sonhos
Dantes Editora, 2000, R\$ 22,00



► Tony Bellotto

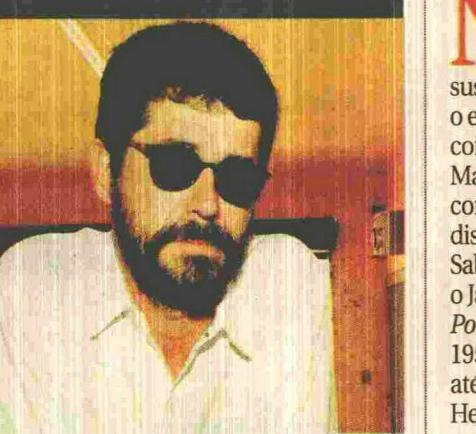
Criador e criatura, o escritor Bellotto e o detetive Bellini têm muito mais em comum do que a descendência italiana e as quatro letras iniciais do sobrenome. "Ele tem ressonâncias da minha personalidade", admite Tony.

Deu férias a Bellini no interior de São Paulo e Mato Grosso. "Quis me testar numa situação diferente, inclusive escrevendo personagens femininos na primeira

pessoa", conta. Assim como *Bellini e a Esfinge*, em cartaz na cidade, *BR-163* também será adaptado para o cinema. Tony apresenta no canal Futura o programa *Afinando a Língua*, voltado para jovens de 9 a 15 anos, e escreveu, para a mesma faixa etária, *O Livro do Guitarrista* (2001), em que lembra como se tornou um músico. Ele gosta de escrever durante as turnês dos Titãs. Leva sempre o laptop e trabalha de manhã nos quartos dos hotéis, "mais tranquilos do que a minha casa". Aos fãs do detetive paulistano, uma boa notícia: depois do descanso imposto pelo autor, Bellini volta em mais uma aventura no ano que vem. "Ele está de férias em Porto Seguro (BA) quando é chamado para resolver um caso em São Paulo", antecipa Bellotto.



SERVIÇO
Bellini e a Esfinge
Companhia das Letras, 1995, R\$ 21,50.
Bellini e o Demônio
Companhia das Letras, 1997, R\$ 23,00.
BR-163
Companhia das Letras, 2001,
R\$ 27,00.



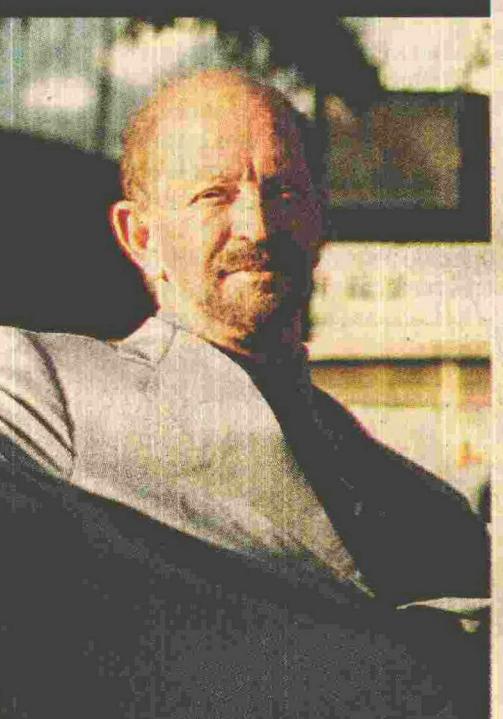
► Marçal Aquino

Não obrigue Marçal Aquino a frequentar academias literárias, dirigir um automóvel ou comer um sushi. Seria uma desfeita muito grande para o escritor paulista, que tem ojeriza às três coisas. Só não acabaria em tiro porque Marçal acha que o gatilho apenas em livros como *Faroestes*, reunião de contos que vai disputar o Jabuti. Os concorrentes: Fernando Sabino e Rubem Fonseca. Marçal já ganhou o Jabuti com *O Amor e Outros Objetos Pontiagudos*. Nascido em Amparo (SP) em 1958, Marçal foi repórter por mais de 15 anos até que resolveu seguir a máxima de Hemingway: "O jornalismo é a melhor profissão do mundo, desde que largada a tempo". No trabalho de reportagem, admite, aprendeu a ouvir as histórias de pessoas simples e anônimas, expostas a situações: limite que as conduzem ao desespero – e ao crime. O escritor foi revelado com outro livro de contos, *Miss Danúbio*, de onde o cineasta Beto Brant pinçou a história de seu longa de estreia, *Os Matadores*. A parceria continuou com *Ação Entre Amigos* e com *O Invasor*, livro e filme juntos em recém-lançada edição da Geração Editorial (que ele autografa

amanhã às 19h na Esquina da Palavra), com o texto literário, o roteiro, mais fotos de cenas. O próximo, um romance entre um pistoleiro e uma prostituta, é *Cabeça a Prêmio*. Mas que ninguém espere uma love story adocicada, com direito a previsível happy end: assim como academias literárias, comida japonesa e a necessidade de dirigir carros, Marçal Aquino também detesta finais felizes.

(Carlos Marcelo)

SERVIÇO
<i>O Amor e Outros Objetos Pontiagudos</i> Geração Editorial, 1999, R\$ 19,00
<i>Faroestes</i> Ciência do Acidente, 2001, R\$ 22,00
<i>O Invasor</i> Geração Editorial, 2002, R\$ 29,00



► Moacyr Scliar

Moacyr Scliar, escritor. E: Moacyr Scliar, médico. Ele já disse: "Na doença, o ser humano se desnuda, deixa cair todas as máscaras. É uma experiência intensa, tanto para o médico quanto para o doente. Creio que é isso o que acaba conduzindo médicos à literatura."

Diagnóstico considerável. A medicina, uma luta para salvar vidas, ajudar deserdados. A literatura é o território contrário, o de expor feridas. Não tanto do corpo: da alma. O ser humano é imperfeito, cruel, feroz, e isso está presente nas palavras, nos contos e romances desse escritor porto-alegrense, nascido em 1937. O modo de ver talvez venha da história pessoal. Moacyr Scliar viveu num bairro de imigrantes judeus russos, o Bom Fim. Estavam ali fugindo de atrocidades na Europa e, claro, transmitiram aos filhos uma visão de mundo, vamos dizer, contaminada.

O médico formou-se em 1962, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com especialidade em Saúde Pública. O escritor começou em 1968, com os contos de *O Carnaval dos Animais*. O médico atuou na periferia da capital gaúcha, principalmente no combate à tuberculose. O escritor ganhou prêmios, entre eles o Jabuti (1988 e 1993), o Casa de Las Américas (1989) e o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte. Ambos, médico e escritor, correram o mundo.

O trabalho médico tomou corpo, ganhou simpatias. Scliar sabe: curar é curar o paciente, não a doença. O escritor ensina ao médico e vice-versa. O escritor produz. Os títulos aumentam. Num momento, é um romance que tem *A Mulher que Escreveu a Bíblia* como protagonista. Outro, *A Orelha de Van Gogh* ou *Os Leopards de Kafka*.

O médico aposentou-se. O escritor nunca. São 57 títulos publicados. Terminou a primeira versão – agora reescreve, organiza – de ensaios a respeito da melancolia no Brasil (com os ecos da Europa renascentista). Procura um título: *Nas Rotas da Melancolia*? Não. Talvez *Caminhos da Melancolia*. Mas a melancolia veio por mar, e não se pode falar em caminhos. Continua à procura. Sabe que encontrará.

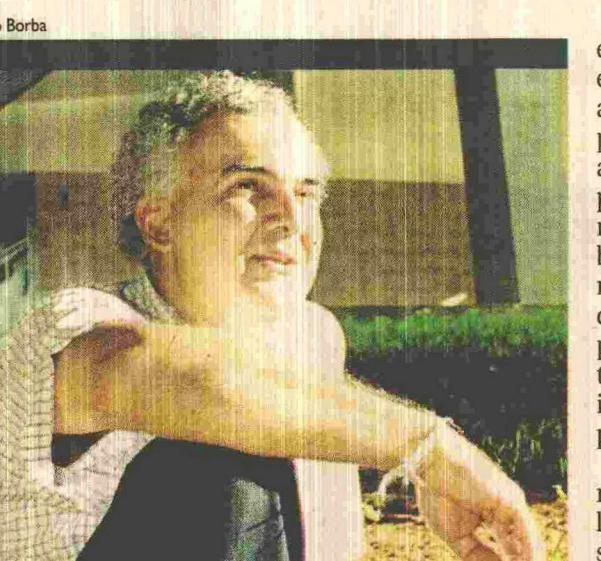
(Paulo Paniago)



México, França, Alemanha, Estados Unidos e Egito.

Nascido em Manaus, em 1952, Hatoum morou dois anos em Brasília: 1968 e 1969. Depois, foi para São Paulo, estudar arquitetura. Em 1980, viajou como bolsista para Madri e fez pós-graduação em literatura pela Sorbonne. E de novo Manaus, em 1983, como professor de língua e literatura francesa na Universidade Federal do Amazonas. Voltou para São Paulo. No início do mês, depois de 33 anos, voltou a Brasília para participar do projeto *Rodas de Leitura* do CCB-BF. Em outubro, será escritor-residente na Universidade da Califórnia, em Berkeley. Milton Hatoum encontrou um rio maior que o Amazonas, e ele corta o mundo.

(Paulo Paniago)



► Milton Hatoum

Não é comum escritor fazer sucesso fora de certos eixos. Assim, a publicação de *Relato de um Certo Oriente* pela editora paulista Companhia das Letras em 1989 trouxe à baila um escritor manauara: Milton Hatoum. O que

era surpresa configurou espanto no ano seguinte: aquele peixe fora d'água – proveniente de rios amazônicos – ganhou o prêmio Jabuti de melhor romance. A seu favor, o dado biográfico certo: havia se mudado para São Paulo, depois de breve passagem por Brasília. O livro foi traduzido para cinco idiomas e publicado em sete países.

Hatoum é parente das minúcias. Reescrever é seu lema, nunca estar satisfeito. Basta verificar a diferença de tempo entre o primeiro e o segundo romance: 11 anos. Em 2000, saiu *Dois Irmãos*. No ano seguinte, Jabuti de novo. O romance acerca dos gêmeos Yaquob e Omar será publicado este ano no Canadá e Estados Unidos (editora Farrar, Straus & Giroux, França (Seuil), Alemanha (Suhrkamp), Holanda (Atlas), Espanha

(Akal) e Líbano (Dar Al-Farabi). Entre um raro romance e outro, Hatoum escreve contos, que são publicados em revistas, antologias e suplementos literários de jornais. No Brasil e no exterior:

SERVIÇO
<i>Relato de um Certo Oriente</i> Companhia das Letras, 1989, R\$ 23,50
<i>Dois Irmãos</i> Companhia das Letras, 2000, R\$ 26,00



SERVIÇO
<i>O Imaginário Cotidiano Global</i> , 2001, R\$ 25,00
<i>A Majestade do Xingu</i> Companhia das Letras, 1997, R\$ 26,00
<i>A Mulher que Escreveu a Bíblia</i> Companhia das Letras, 1999, R\$ 25,00
<i>Exército de um Homem</i> Sô LPM, 1997, R\$ 9,00